

A propósito da (re)organização da Escola

A noção que os professores tendem a ter da sua profissão, a forma como estão habituados a organizar o seu trabalho, a ideia que têm de currículo como algo rígido e prescritivo, frequentemente restrito a uma listagem de conteúdos a leccionar... são apenas alguns dos aspectos que não deixarão de ser postos em causa pelas grandes mudanças que a reorganização curricular do Ensino Básico e a revisão curricular do Ensino Secundário se preparam para introduzir nas nossas escolas. Foi pois com o intuito de contribuir para aprofundar os conhecimentos e de promover o debate sobre a actual reorganização/revisão curricular que o Secretariado Inter-Associações de Professores organizou, nos passados dias 26 e 27 de Abril, o seu VI Encontro Nacional.

Com uma maior incidência nas questões associadas ao Ensino Básico, os trabalhos organizaram-se essencialmente em torno de painéis e não descuraram a importância do debate. Ainda assim, o grande interesse, mas também as dúvidas, e por vezes até os receios, que o tema despertava nos presentes, tornou manifestamente insuficiente o tempo destinado à interacção entre a assistência e os oradores. Com efeito, num auditório da Fundação Calouste Gulbenkian completamente lotado, foram muitos os que, apesar do horário previsto já ter sido largamente ultrapassado, lamentaram não ser possível dispor de mais tempo.

Ao longo do encontro foram sendo abordados diferentes aspectos, desde as competências essenciais no currículo nacional do Ensino Básico às estratégias para a sua concretização, passando pela avaliação externa da gestão flexível do currículo, pelo projecto curricular de escola e de turma e terminando nas implicações da reorganização curricular na (re)organização das escolas.

A noção de competências essenciais, ou seja, de um tipo de saber que procura integrar conhecimentos, capacidades e atitudes, é a grande ideia por trás da reorganização curricular do Ensino Básico. O foco é assim colocado não na aquisição de conheci-

mentos, mas na capacidade de os utilizar sempre que adequado. O termo competência não é usado em referência a um comportamento específico observável, nem como sinónimo de desempenho, pelo contrário, é entendido como sinónimo de activar os recursos que são necessários numa determinada situação. É pois um termo que podemos associar à noção de literacia e que nos leva inevitavelmente a pensar nas razões que fazem com que alunos que num determinado momento parecem saber um certo assunto, se venham posteriormente a comportar como se nunca tivessem ouvido falar nele.

Para além destas ideias, o director do DEB, Paulo Abrantes, referiu ainda o ponto da situação actual da reorganização curricular e a evolução prevista. Mencionou a intenção de, a médio prazo, introduzir alterações nos actuais programas das disciplinas, com o intuito de os tornar menos prescritivos. Referiu-se à transformação daquilo que até agora tem sido a ideia associada aos nossos programas (uma listagem de conteúdos a leccionar) em algo mais flexível e semelhante a um documento de orientação.

Por seu turno, Zélia Santos, da Associação Portuguesa de Professores de Francês, procurou partir de algumas das ideias expressas por Paulo Abrantes, mas abordando-as agora numa perspectiva mais ligada ao trabalho dos professores. Referindo-se à crescente complexidade desse trabalho e às dificuldades em o adequar às características da nossa sociedade em mudança, mencionou aspectos ligados à formação contínua e à auto-formação dos professores. Discutiu o que as competências essenciais devem ou podem ser na preparação do trabalho dos professores, apontando-as como mediadoras na leitura dos programas e conduzindo a um ensino mais diversificado.

Abordou então um aspecto fundamental: as mudanças por que os professores vão ter que passar relativamente à sua forma de trabalhar. Neste âmbito enfatizou não só a formação e o

empenhamento mas, e principalmente, o tempo que é necessário dar para que as mudanças sejam efectivamente integradas.

A gestão flexível do currículo e, em particular, a avaliação que desta foi feita,

também foi abordada, atendendo aos fortes pontos de contacto existentes entre esta e a reorganização prevista. A coordenadora do referido processo de avaliação, Luísa Alonso, referiu aspectos em que a gestão flexível do currículo introduziu alterações na escola, partindo de um modelo segundo o qual a inovação e a mudança educativa dependem de quatro factores fundamentais: o desenvolvimento curricular, o desenvolvimento organizacional, o desenvolvimento profissional e o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Referiu diversos problemas de natureza curricular, facilmente identificáveis nas nossas escolas, mencionando de seguida as ideias centrais da educação básica. Caracterizou o currículo escolar como um projecto integrado, que consubstancia as opções da escola acerca da selecção e organização da cultura e da formação a oferecer aos alunos, através de actividades e experiências que possibilitem uma educação de qualidade para todos.

A manhã do segundo dia, que contou com Maria do Céu Roldão, da ESE de Santarém, Albano Silva, da ESE de Portalegre, Júlia Galego, directora do Centro de Formação da Associação de Escolas de Loures-Norte, e Júlio Pires, da SPCE, foi dedicada ao projecto curricular de escola e de turma.



Estes projectos foram referidos como uma tomada de decisão por parte da escola quanto ao seu currículo, como forma de concretizar para aquele meio, naquelas condições concretas, a melhor forma de promover as aprendizagens pretendidas e de articular as diferentes áreas. O projecto curricular não é, pois, um documento, embora se corporize num documento; não é um elenco de actividades extra-lectivas e extra-disciplinares, muito pelo contrário, tem que envolver o todo das aprendizagens e não apenas os "extras"; e também não é uma retórica, tem que ser uma realidade traduzível na prática de cada professor.

Relativamente às diferenças entre os projectos curriculares de escola e de turma, estas devem situar-se ao nível do grau de aprofundamento e de especificidade dos projectos. Como tal, o projecto curricular de escola deve abranger as questões numa perspectiva mais geral, tendo em conta as características globais da escola, enquanto o projecto curricular de turma as abrange numa perspectiva mais concreta, atendendo às

especificidades dos alunos da turma.

O encontro terminou com uma sessão dedicada às implicações da reorganização curricular na (re)organização das escolas, que contou com Domingos Fernandes, director do DES, Paula Rocio, da ES Quinta do Marquês, Marina Simão, da EB 2,3 Gaspar Correia, e Isabel Branco, da ES António Arroio. Neste âmbito, e como não poderia deixar de ser, foi abordada a questão das aulas de 90 minutos. Referiram-se aspectos positivos de experiências já vividas em escolas, tais como: a possibilidade de envolver os alunos em determinados tipos de trabalho, sem estar sujeito a tantas interrupções; a facilidade em conseguir melhores horários, tanto para os alunos como para os professores; o ambiente de maior tranquilidade na escola que esta organização torna possível; o facto de os alunos passarem a ter, no mesmo dia, um número inferior de disciplinas (evitando-se tanto a dispersão por vários assuntos, como o transporte de um número considerável de livros); e o agrado expresso pela maioria dos

alunos envolvidos. Também a área de projecto mereceu destaque, tendo sido referida como uma área central para o currículo do Ensino Secundário nos próximos anos.

Foram ainda mencionadas algumas das iniciativas que estão a ser levadas a cabo pelo Departamento do Ensino Secundário, no sentido de informar e apoiar os professores relativamente à revisão curricular. Foram, em particular, referidas a elaboração de brochuras e a organização de sessões com as escolas sobre o currículo e a avaliação, a organização e o funcionamento dos cursos tecnológicos e a área de projecto.

Tratou-se pois de dois dias de trabalho intenso e de debate vivo, em que, para além de conhecer os principais aspectos da reorganização/revisão curricular que terá início no próximo ano lectivo para os 1º e 2º ciclos e no ano seguinte para os restantes ciclos, foi possível compreender algumas das razões que estão na base destas.

Helena Rocha
Esc. Sec. Patrício Prazeres

5º Fórum Ciência Viva

Para o Luís, o Eduardo, o Valter, o Sérgio, o Bruno e o Mário, alunos do 12º e do 11º da Escola Infante D. Henrique, no Porto, os dias 11 e 12 de Maio foram passados de forma muito diferente. Foram participar no 5º Fórum Ciência Viva, no Pavilhão Atlântico do Parque das Nações, integrados no projecto "A Matemática e o Mundo".

Representaram a Escola, expondo os trabalhos que com mais uma dúzia de colegas foram desenvolvendo desde Junho de 2000, e observaram com os seus próprios olhos as dezenas de investigações científicas de outras escolas. Viajaram de comboio e estiveram alojados na Pousada da Juventude, a menos de um quilómetro do Pavilhão Atlântico. Não podia ser mais simples.

À entrada, sentiu-se que tinham sido impostas firmes regras de segurança

para o Pavilhão. Íamos um pouco tensos pois éramos sete e tínhamos enviado apenas cinco convites (apesar de termos pedido treze, contando com alguns familiares). Mas logo nos deram os dois convites que nos faltavam. Ouvi dizer, mais tarde, que algumas pessoas criticaram o facto de só se poder entrar por convite, porque havia pessoas interessadas que não foram e consideraram isso uma restrição inaceitável. De facto parece ser difícil conciliar abertura ao público com segurança, mas vale a pena pensar em melhorar este aspecto, e organizar a segurança de forma a permitir que mais pessoas, sobretudo os jovens, possam apreciar esta tão bela e grande exposição, sobre o que, no campo da ciência, se vai concretizando nas escolas e universidades portuguesas.

Na sessão de abertura, o auditório estava repleto de gente muito jovem, aguardando as comunicações do Primeiro Ministro, do Ministro da Ciência e da Tecnologia, do Ministro da Educação, da Presidente da Comissão de Avaliação de Projectos Europeus (de nacionalidade sueca) e da Directora do Ciência Viva.

Já não me lembro quem deu aquela ideia simples, velha e pouco praticada que "para aprender é necessário sujar as mãos, pôr a mão na massa". A representante da Suécia também fez uma analogia conhecida mas sempre bem vinda da receita de culinária que pode estar muito bem explicada, mas se não tivermos a prática, não sai nada de jeito...

Os alunos assistiram atentamente a toda a cerimónia, agradados com a eloquência e a simpatia dos oradores.